



# **INTERVENÇÃO URBANA NO PARQUE DOS INGÁS - MOGI GUAÇU/ SP**

**TARCISO FERREIRA DE PAULA**

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADA 2

EESC SÃO CARLOS

## Sumário

<b>Introdução</b>	2
<b>Investigação</b>	4
<b>Mogi Guaçu</b>	7
A cidade	8
A sua história	9
<b>O Parque dos Ingás</b>	12
<b>Leituras</b>	20
<b>Diretriz Projetual</b>	32
<b>O projeto</b>	36
O produto	38
<b>Referencias</b>	59
Referencias projetuais	60
Referencias bibliografica	63

# Introdução

Este projeto faz parte da conclusão do Trabalho de Graduação Integrado(TGI II) do curso de Arquitetura e Urbanismo pela USP São Carlos. Trata-se de uma intervenção no Parque dos Ingás localizado na cidade de Mogi Guaçu. O parque situado na região central do município, área originalmente ocupada pela antiga cerâmica Mogi Guaçu, configura-se como uma área verde circundada por galpões e edifícios remanescentes da indústria, que receberam novos usos com o passar dos anos. O objetivo deste trabalho é qualificar a relação entre os edifícios existentes com a área verde, criando novas formas de acesso, novos usos para o parque e novas relações entre os elementos físicos e naturais presentes nesse local, a cidade e seus habitantes. Dessa forma, potencializa-se o caráter atrativo da paisagem local.

A estruturação deste caderno se baseia em pontos cruciais para o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente abordou-se a questão das causas que implicam o entendimento dos espaços urbanos e da paisagem como elemento capaz de agregar novas identidades e consequentemente estabelecer significados ao lugar.

No capítulo seguinte, descreve-se da cidade de Mogi Guaçu e os principais acontecimentos históricos, evidenciando a importância da indústria cerâmica . Além disso, localiza a área definida para o projeto e a situação atual do Parque dos Ingás.

Já o capítulo sobre as leituras mostra as relações da área com a cidade, com o rio e com o seu entorno imediato, obtendo-se as informações e problemáticas necessários para o desenvolvimento das diretrizes que serão explicitados no tópico seguinte.

Com as diretrizes estabelecidas, o projeto ganhou formas e desenhos no último capítulo, qualificando o Parque dos Ingás.

# INVESTIGAÇÃO

*"[...] a paisagem desempenha um importante papel de interesse público nas áreas social, cultural e ambiental, constituindo-se em recurso favorável à atividade econômica cuja proteção, gestão e planejamento contribuem para um trabalho criativo [...]; a paisagem contribui para a formação de uma cultura local que constituía um componente fundamental de um patrimônio cultural, contribuindo para o bem estar da população e consolidando uma identidade [...]; a paisagem é um componente importante da qualidade de vida da população em qualquer lugar; em áreas urbanizadas ou em naturais; em áreas degradadas como também em áreas qualificadas com qualidade de vida; em áreas consolidadas e saudáveis sob todos os aspectos[...]"<sup>1</sup>*

A proposta deste trabalho adota a perspectiva da paisagem como diretriz de abordagem das dinâmicas urbanas, entendidas como os movimentos de permanência e transformação de formas, usos, funções e significados do espaço urbano. A estratégia adotada procurou investigar as causas que determinam a dificuldade de entendimento da paisagem e sua potencialidade como elemento de identidade para o espaço público.

Segundo ROCA & OLIVEIRA podemos dizer que os espaços, neste caso, os públicos correspondem como um lugar, pois conseguem deter o caráter único de lugar como reflexo da disponibilidade de recursos materiais e imateriais e da integração em sistemas e redes, aos níveis global e local, tais como, entre outros, os ciclos naturais e os sistemas sociais, os recursos naturais e humanos, o capital físico e social, os modos de produção, distribuição e consumo e os fluxos de informação e comunicação.<sup>2</sup> Além disso, o espaço público se vive como a pré-existência que dá lugar à experiência particular e própria, experiência de ação que o modifica dando lugar a episódios do *público*. O público é o efeito dessa ação de viver na realidade eminente da vida cotidiana, na qual os homens se vêem incorporados a determinadas situações tal como eles mesmos as definem no contexto de sua vida na cidade.<sup>3</sup>

Entretanto, as cidades contemporâneas, como fenômeno histórico que se especifica em nossas cidades, fica determinada pelas tendências próprias da *mundialização* (capitalismo transnacional de base pós-industrial, modo informacional de produção, recolhimento da subjetividade) que caracterizam a condição contemporânea da vida urbana, com efeitos particulares segundo o caso que se considere ao articular-se essas tendências históricas estruturais com a conjuntura local suscitam-se problemáticas e fenomenologias particulares nas cidades e no espaço público. A cidade atual é uma cidade desafiada, suspeitada, descrita dos atributos de sistema pela qual é entendida como uma unidade complexa de partes em tensão. Os próprios processos urbanos da modernidade industrial antecipadamente alteraram a estabilidade somente registrável na cidade pré-moderna. A metropolização e a suburbanização introduziram logo na experiência do espaço público um grau de distanciamento e indiferença que, transcorrido o longo processo de desenvolvimento capitalista, se expressa na atualidade como um estado de exacerbação de tendências registráveis na história recente. De tal modo, os atuais processos de dispersão, *gentrificação* e divisão da cidade intensificam a percepção do espaço público como uma dimensão desestabilizada e errática da cidade, inteiramente anárquico, degradado e

<sup>1</sup> MINAMI & GUIMARÃES JÚNIOR; ver <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/862>

<sup>2</sup> ROCA & OLIVEIRA; ver [http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_X\\_Coloquio\\_Iberico\\_Geografia/pdfs/019.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/019.pdf)

<sup>3</sup> ARROYO; ver <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/269>

desvalorizado. A desvalorização do valor simbólico do espaço público, a conseqüente degradação de sua imagem e as disfunções que apresenta, expressam a condição crítica do espaço público nas cidades, crescentemente reguladas por lógicas econômicas, leis de mercado e parâmetros relativos somente à produção e ao consumo. Prosperam as formas desagregadas, prevalecem os interesses e os olhares setoriais (para uns é um espaço técnico, viário e de infra-estruturas, para outros é o âmbito do perigo e a negação da alteridade, espaço da oportunidade e do abuso, da transgressão e a anomia, etc.) pelo qual a hipótese de que o espaço público é fator de continuidade cognitiva, perceptiva e valorativa da cidade perdeu entidade em uma aproximação empírica e fenomenológica da cidade ainda que sobreviva na formalidade do sistema legal.<sup>4</sup>

Em meio a essa sinergia do espaço público a paisagem configura um elemento que confere identidade ao lugar. De modo que a paisagem funciona como um patrimônio urbano, ou seja, de acordo com GERALDES, como mediador entre os valores que conferem seu estatuto e o território que se insere:

“[...] o patrimônio urbano é o portador material de características capazes de qualificar e mobilizar a percepção do espaço, potencializando as possibilidades de atribuição de significados pelo habitante. Simultaneamente, [...] deve se constituir em referência espaço-temporal, indicando por sua permanência na paisagem o contraponto necessário as transformações derivadas das dinâmicas urbanas. Apoia-se na visualidade como condição das possibilidades cognitivas, mneumonias, afetivas, e introdutórias que se estabeleçam a partir da experiência do espaço.”<sup>5</sup>

Desta forma, a paisagem com a suas características tanto naturais como culturais, constituem-se como ingredientes essenciais que emergem das formas de registros baseadas na observação. Os elementos que formam a paisagem podem determinar o nosso sentido de lugar, ou diferenciar territorialmente as nossas percepções e emoções. As qualidades ou características naturais e culturais associadas à paisagem podem informar-nos, tanto sobre eventuais ameaças que esteja a sofrer, como sobre as oportunidades que podem ser aproveitadas para a reafirmação dos elementos identitários dos lugares e regiões, tais como os contextos biofísico, sociocultural ou socioeconômico. Assim como as palavras de MITCHELL:

“[...] a paisagem é o meio através do qual se constrói a identidade de um lugar [e]... é tanto uma representação ( um ideal revela sentido) como uma existência material ( a realidade das condições vividas).”<sup>6</sup>

Portanto, a paisagem ganha notoriedade se os aspectos da sua própria exploração sejam claros e concisos. Pois ela faz com que os espaços ganhem uma qualidade identitária, configurando a territorialidade do lugar exponenciando o próprio espaço para o uso público. Com essas investigações coube ao meu próprio projeto utilizar a paisagem como elemento potencial de qualificação norteado pelo intuito de democratização do espaço público.

---

<sup>4</sup> ARROYO, Vitruvius, fev 2007

<sup>5</sup> GERALDES, Tese USP 2006, pg.36

<sup>6</sup> MITCHELL 1991 *apud* ROCA & OLIVEIRA

**MOGI GUAÇU**





## Um pouco da história

A cidade de Mogi Guaçu surgiu na margem direita do rio Mogi Guaçu que em Tupi significa “Rio Grande das Cobras” como consequência indireta das explorações do ouro em Minas Gerais e Goiás. O povoado de então vivia em função do comércio exercido com os bandeirantes e mineiros que aqui pousavam e reabasteciam-se para continuar a jornada rumo ao sertão. Com o esgotamento de ouro nas minas junto com o desestímulo de descoberta de novas minas, o povoado de Mogi Guaçu, ao lado de outros, experimentou um período de decadência econômica. Segundo LEGASPE:

“A população diminuiu com a emigração e os remanescentes dedicaram-se a uma agricultura de mera subsistência ou voltaram-se à pesca, junto ao então psicoso rio Moji Guaçu”.<sup>8</sup>

A fase de estagnação sócio-econômico perdurou até, mais ou menos, o ano de 1830. Nesta época, um novo produto agrícola despontou no panorama nacional, fazendo com que novas perspectivas se delineassem para as então apáticas populações das cidades e dos campos. Era o café, que se apresentava promissor aos lavradores e negociantes do leste paulista.

As influências da cultura cafeeira, principalmente na região, são muito marcantes. Graças a ela, vieram os trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (1875) para a região, trazendo progresso e conforto nos transportes. De acordo com ARTIGIANI:

“ A primeira ponte metálica sobre o rio Moji Guaçu foi construída logo após a inauguração da chegada dos trilhos da Cia. Mogiana a Moji Mirim, 1875. Tratava-se mais de um grande pontilhão. Sem as guardas laterais, tornava-se o trânsito perigoso para os pedestres. Com o aumento gradativo dos trens e das máquinas maiores e mais possantes, a Cia. Mogiana encomendou no estrangeiro uma ponte com maior capacidade. Essa ponte, cujas peças chegaram em 1903, teve o custo de trezentos contos de réis. Com a chegada das peças avulsas para a montagem da ponte, vieram das oficinas de Campinas oficiais especializados. [...] Ao final de 1904, a ponte estava montada. Obra perfeita, com pista dupla, tendo nos seus reforçados arcos a base da resistência. Sem pilares, as extremidades eram apoiadas em suportes com regulada mobilidade, havia também nas cabeceiras, abertura para regulação da passagem da água nas enchentes. Na passagem do primeiro trem a ponte foi inaugurada.”<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> LEGASPE; 1993, pg.27

<sup>9</sup> ARTIGIANI;1994 pg.91



**Fig. 2-** *Ponte Metálica.*

*Fonte: Dib Antonio Filho*

Junto com os trilhos veio a imigração que em muito contribuiu para aumentar a população, fornecendo mão-de-obra para as lavouras. Porém a cidade não obteve grandes oportunidades com o café:

“Possuindo no município grande quantidade de terras em que o café não se adaptou bem, a referida cultura não progrediu com a mesma intensidade que em municípios vizinhos como: Espírito Santo do Pinhal, Itapira, São João da Boa Vista e outras. Mesmo assim, com a expansão da cultura agrícola registrou-se durante muitos anos uma grande movimentação de riquezas e pessoas (...).”<sup>10</sup>

Como havia necessidade de muitas pessoas para o cultivo dos cafezais, fez-se uso, inicialmente da mão de obra escrava. Com a abolição da escravatura em 1888, tornou-se necessário trazer para cá os imigrantes, a fim de suprir a deficiência de trabalhadores nos cafezais. Destes imigrantes que para a cidade vieram, destacaram-se os italianos e, em menor escala, portugueses e espanhóis.

Estas correntes imigratórias além de trazer mais vida ao município, fizeram com que surgissem atividades econômicas paralelas à lavoura cafeeira, como o comércio e posteriormente a indústria, onde se destacou a cerâmica.

No ano de 1929, quando o Brasil atingiu fase de superprodução cafeeira, os preços do produto despencaram em sua cotação no mercado internacional. A região, grande cultivadora do café sofreu grande abalo econômico. Mogi Guaçu, embora nem tanto, também foi afetada pela crise: diversas famílias tradicionais que representavam a aristocracia cafeeira sofreram grandes prejuízos econômicos, tendo muitas delas emigrado para outras atividades, em busca de novos horizontes.

---

<sup>10</sup> LEGASPE; 1993, pg.29



**Fig. 3-** Antiga Cerâmica Mogi Guaçu

Fonte: <http://www.bigbom.com.br/historia.asp>

Entretanto, o abalo sofrido pelo município não foi intenso como em outras cidades vizinhas. Graças a uma fonte independente com a produção cafeeira: a indústria cerâmica, que naquela época já estava em crescimento.

“Muitos dos imigrantes italianos que aqui vieram abriram as suas olarias com grandes destaques para: o Padre José Armani, que além de sacerdote era conhecido como “ Engenheiro “, devido aos seu conhecimento de mecânica e matemática. Tendo vindo da Itália em 1888, trouxe do velho mundo as modernas técnicas da época para a fabricação das então famosas telhas francesas montando aqui uma cerâmica, que deu início à fabricação do produto.”<sup>11</sup>

Outro imigrante de grande reconhecimento para a cidade foi Luiz Martini também se destacou como um dos pioneiros da indústria cerâmica. Tendo vindo por volta de 1908 da Estiva, estabeleceu-se no local conhecido como Bairro das Olarias e ali desenvolveu uma pequena olaria que fabricava tijolos. Em 1921, tendo já ampliado as empalações de sua pequena fabrica, passou a produzir as famosas telhas francesas. Em 1926, inicia a produção das primeiras manilhas, transformando sua indústria, um pouco mais tarde, na maior produtora de manilhas da América do Sul.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> LEGASPE; 1993, pg.29

<sup>12</sup> Ibdem,

# O PARQUE DOS INGÁS





**Fig. 5-** *O parque dos Ingás atualmente*

Muitos dos galpões da Cerâmica foram aproveitados para outros usos, por exemplo, o que se situa nas ruas Siqueira Campos e Salgado Junior , tornou-se o Terminal Rodoviário Urbano Central. Aproveitando a própria implantação do galpão com o formato em “L” para receber duas plataformas de embarque e desembarque de ônibus.



**Fig. 6-** Terminal de Ônibus

Fonte: Arquivo Pessoal

Posteriormente, com o aumento da dinâmica de fluxos e concentração de usuários houve necessidade de construir alguns “anexos” como lanchonetes e edificações de apoio para as atividades da empresa responsável pelo serviço de transporte urbano. A partir dos anos 90, o surgimento do comércio informal nas ruas de centros urbanos também atingiu o município, inclusive a área junto ao terminal, que passou a ser ocupada por vendedores ambulantes.



**Fig. 7-** Antiga Cerâmica Mogi Guaçu

Fonte: Arquivo Pessoal

Em frente à rua de saída dos ônibus do Terminal, há o Restaurante e Choperia dos Ingás. Este restaurante ocupa uma edificação que pertencia à antiga Cerâmica. No entorno, existe outro bolsão de estacionamento, que atende os usuários do restaurante e de outros estabelecimentos. No entanto, o número de vagas é insuficiente e muitos veículos são estacionados nos canteiros do parque.





**Fig. 8-** *Restaurante e Choperia dos Ingás*

*Fonte: Arquivo Pessoal*

Na outra extremidade deste bolsão de estacionamento, situa-se o Museu Histórico e Pedagógico “Dr. Sebastião J. Pereira”. O edifício da antiga Cadeia Pública Municipal é um dos mais antigos da cidade, possui arquitetura característica do início do século XX implantado na esquina da rua Salgado Junior com a rua Paula Bueno sem barreiras ou divisórias como limitantes do seu lote.



**Fig. 9-** *Antiga Cadeia Pública*

*Fonte: Arquivo Pessoal*

Na rua Paula Bueno um outro galpão foi requalificado para ser ocupado pela faculdade particular, Instituto Maria Imaculada. Este edifício tem extensão de 140 metros de comprimento e possui uma face voltada para o parque delimitada por um gradil contínuo.



**Fig. 10-** Faculdade Instituto Maria Imaculada

Fonte: Arquivo Pessoal

Entre o galpão da Faculdade e a rua Paula Bueno localiza-se a antiga sede administrativa da Cerâmica Mogi Guaçu. Esse edifício é ocupado atualmente pelo SAMAE, Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto. Entre a faculdade e o SAMAE existe outro bolsão de estacionamento de uso privado.



**Fig. 11-** SAMAE

Fonte: Arquivo Pessoal

Outra edificação que faz frente para a rua Paula Bueno é o edifício do Ciretran, cuja implantação quadrada esta localizada próxima à esquina da avenida dos Trabalhadores. Nas proximidades da Avenida dos Trabalhadores, umas das principais vias estruturadoras da cidade, há também outro bolsão de estacionamento que devido à proximidade do Ciretran é utilizado para realização de exames de habilitação de direção veicular.



**Fig. 12-** CIRETRAN

*Fonte: Arquivo Pessoal*

Entre esse bolsão de estacionamento e a avenida existe um córrego tamponado. Antes da desativação da ferrovia, que originalmente ocupava o eixo constituído hoje pela avenida dos Trabalhadores, o Córrego Cantagalo tinha o seu leito original desaguando no rio Mogi Guaçu próximo do início da rua Siqueira Campos. Após a remoção dos trilhos, houve uma obra de canalização do córrego sob a avenida alterando seu curso natural.



**Fig. 13-** Bolsão de estacionamento e o Córrego do Cantagalo tamponado

*Fonte: Arquivo Pessoal*

A área verde do parque é repleta de árvores de grande porte principalmente na margem do rio, que possui uma cota mais baixa. A área com maior densidade de vegetação concentra-se nas proximidades do talude paralelo ao rio com variação de 3 metros de altura. Na área contida entre o talude e as ruas que delimitam o parque ocorre uma diminuição da concentração das árvores, abrindo clarões

significativos com presença dominante de gramíneas e relevo bem plano. Cortando esse trecho há um caminho existente utilizado como corredor de passagem pelos pedestres equipados com alguns bancos. Há ainda, uma rua que liga a entrada do Terminal de ônibus até a outra esquina da Paula Bueno com a avenida dos Trabalhadores seccionando em dois a implantação o parque.



**Fig. 14-** O rio Mogi Guaçu

*Fonte: Arquivo Pessoal*



**Fig. 15-** A margem direita do rio

*Fonte: Arquivo Pessoal*

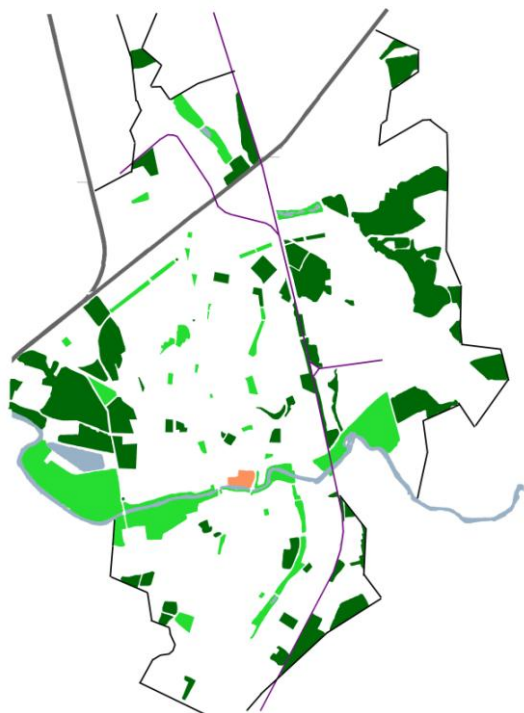
**LEITURAS**

Para contextualizar a inserção da área com o seu entorno e com a cidade em geral, o método de elaborar leituras através imagens e diagramas foram cruciais para o desenvolvimento do projeto. A utilização desses mecanismos favoreceu a articulação entre as propostas projetuais e as problemáticas levantadas. Assim, as leituras permitiram a identificação dos pontos que deveriam ser articulados ou aqueles que deveriam ser reestruturados.

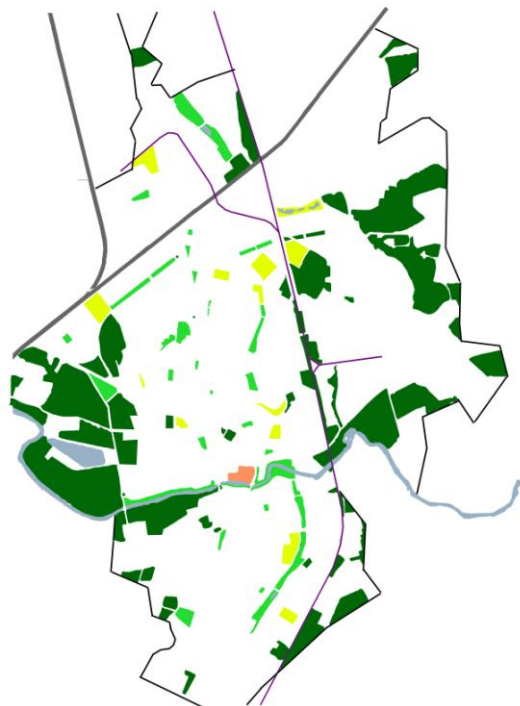
Inicialmente a análise da área de intervenção, que se insere na região central de Mogi Guaçu, ocorre através da comparação da mesma com a própria cidade, com o objetivo de contextualização. Assim, observou-se a abrangência da sua área de influência e as relações com os de espaços livres, áreas verdes e de recreação. Além disso, como ela se relaciona com os equipamentos de cultura da cidade e configura um local de importante integração da malha urbana.



**Fig. 16-** *Os espaços livres*



**Fig. 17-** *As áreas verdes*



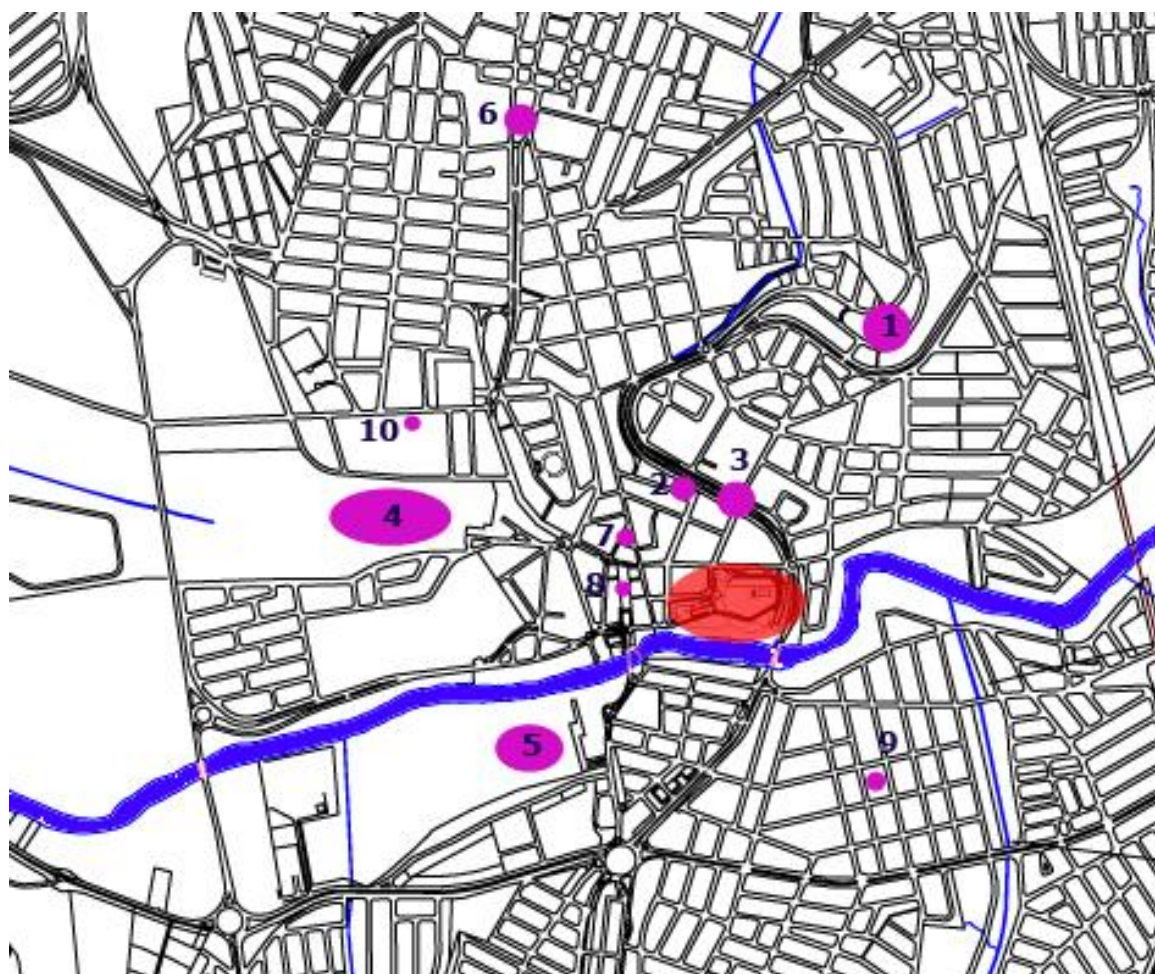
**Fig. 18-** *As areas de recreação*

Nota-se que a figura 16 identifica vários espaços livres na cidade de Mogi Guaçu. Essas áreas são derivadas do modelo de ocupação urbana desenvolvido a partir da década de 70, pelo grande crescimento populacional decorrente à vinda de empresas de grande porte, antiga indústria de papel Champion, atualmente, International Paper, a antiga Refinações de Milho do Brasil, hoje Corn Products, e a metalúrgica Mahle, que atraiu um grande número de imigrantes principalmente do sul de Minas Gerais e norte do Paraná e também das cidades do entorno do município.

Devido a esse inchaço populacional, a prefeitura foi obrigada a criar e desenvolver alguns parques, praças e canteiros e avenidas para ocupar certos “vazios” existentes entre os lotes. A figura 17 nos apresenta a localização das praças e parques da cidade, que na maioria dos casos coincidem com áreas de córregos, várzeas ou Área de Preservação Permanente de acordo com legislação ambiental vigente Lei nº 6938 de 31 de agosto de 1931, e ainda, áreas residuais de divisão de lotes.

Já na figura 18, percebemos que alguns vazios foram aproveitados para a criação de centros de recreação para a população, ou alguma infra-estrutura de cunho público. Muitos desses centros possuem quadras, *playground*, piscinas públicas, e campos de futebol. De acordo com a imagem, esses centros estão bem distribuídos na mancha urbana, sendo que praticamente cada região é atendido por um. Na imagem também estão indicados os cemitérios e o SESI na zona leste da cidade, uma das regiões de maior concentração populacional da cidade. Neste caso, o SESI funciona como o principal equipamento de recreação, educação e até cultural desta região.





- 1 - Centro Cultural
- 2 - Museu Histórico Municipal  
Hermínio Bueno
- 3 - Avenida dos Trabalhadores/  
Shows e eventos cívicos
- 4 - Antiga cerâmica Martini/  
Shows e EXPOGUARUÁ
- 5 - Antiga cerâmica São José/  
GUAÇUFEST
- 6 - Praça Antônio Giovanni Lanzi/  
Festa Italiana
- 7 - Praça Padre Armani/  
Feiras livres
- 8 - Praça Rui Barbosa/  
Feiras livres e eventos temáticos
- 9 - Praça Padre Longino Wastbinder/  
Feiras livres
- 10 - Anfiteatro EEPG Luis Martini

**Fig. 19-** Sistema de cultura

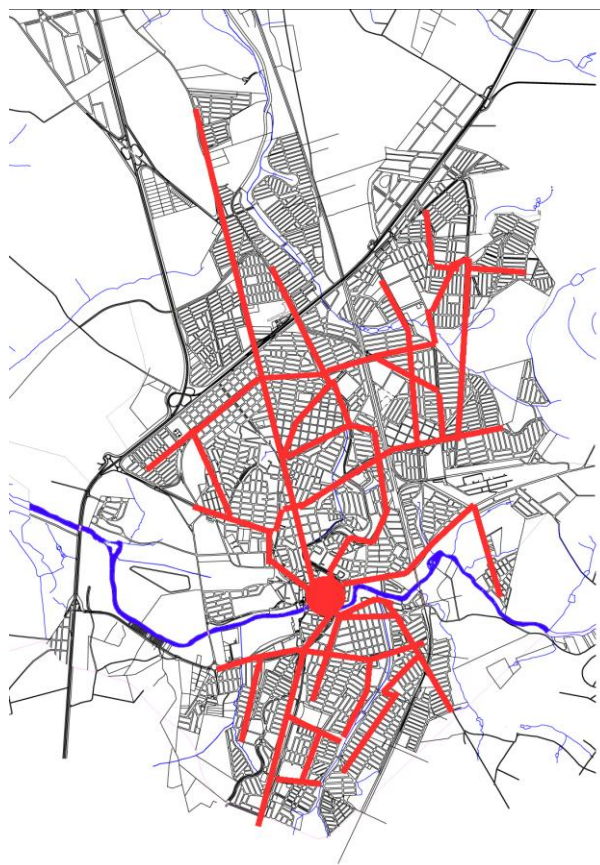
Outra questão de extrema importância para o desenvolvimento do projeto foi a relação da cidade com a cultura. Através deste diagrama, observa-se que a cidade de Mogi Guaçu é carente de equipamentos culturais. Há um Centro Cultural no canteiro central da Avenida dos Trabalhadores, onde se concentram os principais eventos da cidade. O centro abriga o teatro TUPEC ( Tudo Pela Cultura ) com 400 lugares, a FETEG (Festival de Teatro do Estudante Guaçuano, encontroS de corais, a Biblioteca Municipal Dom João XXIII, que antes se localizava na antiga estação ferroviária da cidade, e a Empresa Municipal de Iniciação a Artística (EMIA) que organiza e coordena esses eventos, além de cursos de dança, pintura e teatro.

Hoje a antiga ferroviária abriga o Museu Histórico Municipal Hermínio Bueno, que conta a história da cidade e também possui um acervo de artefatos indígenas, como iguaçabas e lanças de flechas, dos antigos moradores antes da chegada dos bandeirantes. Neste museu há um espaço para exposição itinerante. O antigo espaço de manobra do trem em frente da estação, a avenida dos Trabalhadores, adquiriu um novo caráter com a realização de eventos cívicos da cidade. Além de ser um trecho aberto e plano, há uma arquibancada que vence o desnível com a cota do bairro limitante à avenida, o Jardim Bela Vista, configurando uma área para desfiles comemorativos. Ultimamente a cidade faz parte da agenda da Virada Cultural Paulista, sendo esta área utilizada para a realização de shows abertos desse e demais eventos organizados pela prefeitura.

A antiga cerâmica Martini, localizada em uma grande área próxima ao centro, é palco do EXPOGUAÇU, feira de agronegócios, comercial e industrial do município. Este evento ocorre sempre próximo a data comemorativa de aniversário da cidade, 9 de Abril, com a realização de um rodeio e vários shows de grande apelo popular. A feira é realizada num período de 7 dias e consegue atrair um público em torno de 120 mil pessoas, graças a esses grandes shows. No espaço da antiga cerâmica também ocorrem alguns shows de grande atração popular realizado por terceiros. Também acontece nesse local a Festa Itália que comemora o dia da Imigração Italiana.

A área da antiga cerâmica São José também é utilizada para realização de feira agrícola, comercial e industrial, GUAÇUFEST. O evento é organizado pela Associação Comercial, Industrial de Mogi Guaçu (ACIMG), com a finalidade de divulgar as marcas das empresas locais. Como o EXPOGUAÇU, esta feira se utiliza dos galpões para a realização das atividades. Com a mudança de gestão da ACIMG, a feira não tem ocorrido nestes dois últimos anos por falta de verbas e as dificuldades de se concorrer com a EXPOGUAÇU.

Tanto a Praça Padre Armani quanto a principal praça da cidade, a Rui Barbosa ou Recanto, como os moradores tem hábito de chamar, acontecem eventos de finais de ano com apresentações de corais e atividades festivas natalinas. Além disso, na praça padre Armani são realizadas feiras de artesanato e livros. Esses eventos são muito diferentes dos que acontecem nas praças das grandes paróquias dos bairros. Nestas praças acontecem feiras e quermesses comemorativas dos respectivos santos que a paróquia abriga. Única exceção é a praça Antonio Giovani Lanzi, que possui a sua quermesse e também realiza a Festa da Mamma, outra festa temática de cunho italiano, com grande participação popular.



**Fig. 20-** *O sistema de transporte*

Outro diagrama utilizado é o sistema de transportes urbanos na cidade de Mogi Guaçu. A imagem esclarece os percursos dos itinerários na cidade e evidencia a existência de somente um Terminal de Ônibus Central , que neste caso, situa-se na minha área de intervenção.

O sistema de transporte da cidade é monopolizada pela Viação Mogi Guaçu, que tem os direitos de concessão de uso dos serviços de transporte público junto com a Prefeitura Municipal. Assim, a viação de ônibus tem como esquema de funcionamento das linhas de ônibus a seguinte ordem:

- As linhas que percorrem a região Norte, ou seja, na margem direita do rio, faz a parada no terminal na Plataforma 2, com acesso pela rua Tristão Franco dos Santos, e saem pela Rua Salgado Junior rumo a região Sul.
- Já as linhas providas da região Sul, ou seja, na margem esquerda do rio, tem a sua parada no terminal na Plataforma 1, com acesso pela rua Siqueira Campos, e saem pela mesma rua dos ônibus que param na Plataforma 1, rua Salgado Junior rumo a região Norte da cidade.

Desta forma as leituras da minha área com a cidade tem relações importantes que serão muito utilizadas para as justificativas do projeto.



**Fig. 21-** A situação na margem do rio

Seguindo esse raciocínio de leituras através de diagramas e imagens da ocupação das margens do rio é importante verificar as tensões e as dinâmicas que a cidade possui com o rio. Fazendo uma aproximação das margens do rio, observamos que a área de intervenção constitui-se no único ponto da margem que possui um parque de uso público, enquanto o restante da margem é ocupado com fundo de lotes, ou coincidem com áreas que a população não tem acesso ao rio Mogi Guaçu, clubes de campos, ranchos particulares e terrenos industriais.

As margens do rio como já foi dito, foram importante para o surgimento da cidade. As suas águas também foram importantes para o desenvolvimento das cerâmicas na produção fabril.

Também possui áreas de várzeas que no ciclo de cheias e vazantes ocupam uma área considerável da margem. Assim, a cidade se desenvolveu nas regiões onde as cotas são mais elevadas, com exceções do centro da cidade, o Jardim Bertioga e a Vila Maria, regiões que sofrem constantemente com as enchentes do rio.

Analisando a imagem, o rio no perímetro urbano tem na margem direita um bairro conhecido como Limoeiro, com muitas chácaras que fazem fundo com o rio, continuando nesta margem, tem a estação de tratamento de efluentes da Corn Products Brasil, em seguida, existem umas chácaras particulares dificultando o acesso à margem. Em compensação no outro lado da margem, encontramos vários sítios que tem o rio e o pontilhão da FEPASA como limitantes, com os acessos à Estrada Municipal Miguel Martini, que liga a cidade para a pequena central hidrelétrica AES Tiete, situada entre o município de Mogi Guaçu e Moji Mirim, onde antigamente se encontrava a “Cachoeira de Cima”, ponto importante de atração turística na região.

Passado o pontilhão da ferrovia, começam as ocupações de bairros e loteamentos urbanos. Nessa região ocorre a maior ocupação urbana junto ao rio. Na margem direita, tem o Bairro Jardim Bertiooga, enquanto no outro lado tem o Bairro da Vila Maria, ambos possuem casas e chácaras que tem o rio como fundo de lotes. Prosseguindo o rio, observamos a presença de mais um bairro em ambos os lados com as mesmas situações dos anteriores. No lado esquerdo, está a Vila Paraíso, uns dos bairros mais tradicionais e antigos da cidade, e também o clube de campo na margem. Já no lado direito, Jardim Bela Vista, que tem a rua Paula Bueno e o rio como limitantes dos lotes desta margem, além deste há também o bairro Jardim São José.

Continuando o percurso do rio, na margem direita após a “Ponte de Ferro”, localiza-se a área de intervenção, o Parque dos Ingás. Logo em seguida há uma concentração de edifícios comerciais, e o rio novamente como limitante dos fundos de lotes. Na margem esquerda ocorre a mesma situação do lado oposto, porém sem a existência de um parque, somente fundo de lotes. Nota-se que essa região onde a cidade surgiu e hoje faz parte do centro comercial e de serviços. Além da existência de duas travessias do rio, há uma antiga ponte viária que tornou-se de uso exclusivo de pedestres e outra para os veículos e pedestres.

Seguindo adiante, na margem direita há um hotel implantado junto a uma praça pública, praça Marechal Deodoro, que possui a primeira fonte de água da cidade. Adiante situa-se um antigo loteamento, conhecido como “Jardim Velho” que possui restaurantes, lanchonetes e choperias, uma área com grande diversificação de usos. Mais a frente, existe uma área delimitada pela avenida Oscar Chiarelli e o rio. No outro lado da avenida localiza-se o terreno da antiga Cerâmica Chiarelli que é alvo de especulação para criação de um novo Shopping Center, Figueira Plaza Shopping. Projeto que utilizará a área e os galpões da indústria no empreendimento. Nas proximidades da antiga cerâmica existe um loteamento construído sobre uma grande várzea, que é desocupado devido a problemas de drenagem. Já na outra margem, observamos a área da antiga cerâmica São José. Hoje possui um grande

supermercado local que detém a posse dessas terras, ocupando uma grande parte da margem esquerda após a ponte de veículos. Há indícios de que a prefeitura da cidade pretende implantar um Poupatempo no galpão da antiga cerâmica. Ao lado dessas terras, encontramos o centro de treinamento de futebol do time de Moji Mirim, que antes era o clube de campo da antiga cerâmica São José. É importante dizer que as áreas descritas estão situadas entre as duas pontes de travessia de veículos. Existe outra travessia mais ao Oeste da cidade que serve para ligar esta região com o Sul da cidade. Após essa ponte as margens do rio são ocupadas por ranchos, sítios e clubes de campo, a única ocupação diferente é a Estação de Tratamento de Esgoto da cidade que se localiza na margem direita.



- Área de Intervenção
- Espaços públicos
- Ocupações urbanas particulares/ residencias, comercios e servços
- Ocupações transitórias/ ranchos, sítios e clubes de campo
- Estações de Tratamento de Esgoto
- Interstício urbano/ Antigas Ceramicas Chiarelli e Sao José

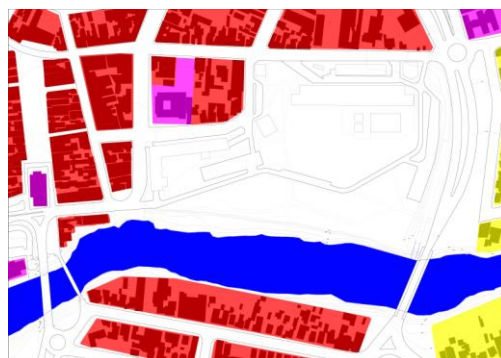
**Fig. 22-** A ocupação na margem do rio

Depois de fazer leituras da área de intervenção junto com as situações de ocupação das margens do rio Mogi Guaçu, o levantamento da área com seu entorno é imprescindível para o desenvolvimento do projeto. As relações de espaços vazios e ocupados, a questão de usos do entorno e do próprio parque, junto com as intensidades de fluidez, tanto de pedestres como de veículos auxiliam nas diretrizes projetuais.



**Fig. 23-** *Cheios e vazios*

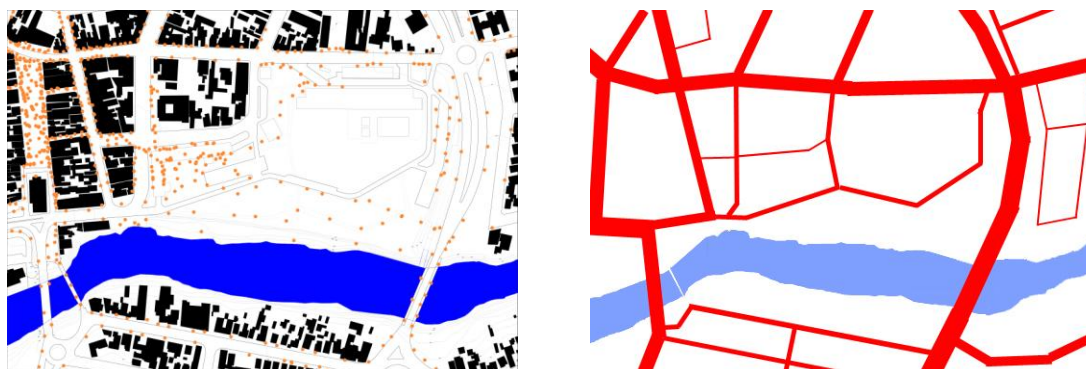
O diagrama de cheios e vazios estabelece as áreas construídas. De acordo com a imagem, os galpões são muito diferente das ocupações do entorno, pelo fato de ser uma antiga cerâmica, que necessitava de grandes espaços para sua atividade. Quanto ao entorno, observam-se as construções fragmentadas e recortadas por vários pátios internos e recuos. O aspecto longitudinal da ocupação da área favorece a leitura dos edifícios como uma forma de barreira que delimita o vazio existente entre o rio e os lotes vizinhos.



**Fig. 24-** *Os usos do entorno*

Este diagrama de usos do entorno da área além de responder as tipologia de construção do diagrama anterior nos evidenciam a problemática da própria área. A área está inserida numa região totalmente de uso comercial e serviços, em oposição, ao outro lado da avenida dos Trabalhadores que tem predomínio

de áreas residenciais. Por tratar-se de um parque, o local funciona como um filtro entre as áreas comerciais com as residenciais.



**Fig. 25-** Fluxos de pessoas e de veículos nas vias

Essa imagem identifica os principais fluxos e intensidades de pessoas e de veículos nos leitos carroçáveis observadas na região. A primeira imagem estabelece que a praça Rui Barbosa detém a maior concentração de pedestres devido a concentração comercial e de atividades de serviços encontrados neste lugar. Também, o Terminal de Ônibus atrai uma quantidade significativa de pessoas para a área. Outro fluxo relevante ocorre no interior do parque, onde as pessoas utilizam o caminho principal como passagem entre o bairro residencial no outro lado do rio e o centro comercial da cidade. Já a outra figura nos mostra as densidades de veículos nas ruas e avenidas do entorno. A avenida dos Trabalhadores, pelo fato de ser uma das principais avenidas estruturadoras da cidade, possui o maior movimento no perímetro da área, devido a ponte de travessia do rio, que conecta as duas partes da cidade. A rua Paula Bueno serve como intermédio do fluxo de veículos da avenida dos Trabalhadores para o centro. Já a rua Vereador Francisco Martini que corta a área de intervenção possui um movimento discreto, enquanto a rua Siqueira Campos e a Salgado Junior tem movimento bem pequeno, ficando para o uso dos ônibus.



**DIRETRIZ PROJETUAL**

Este projeto de conclusão buscou através da investigação teórica junto com as leituras da área de intervenção, a definição das diretrizes para responder as problemáticas aqui já levantadas. Assim, a tentativa de responder essas questões foram rebatidas no encaminhamento do projeto.

Atualmente o parque dos Ingás não se caracteriza como um parque e sim como uma área verde e livre que é delimitada por um perímetro onde ocorre usos conflitantes e sobrepostos. Essa idéia é reforçada pela fato de que a população não se apropria da área como parque. Segundo MACEDO & SAKATA:

“ Consideramos como parque todo espaço de uso público destinado a recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente , isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno.”<sup>13</sup>

Assim, observamos que o parque não exerce a função de recreação e de lazer para a população. Além de que os usos dos antigos galpões interferem no acesso ao parque, dificultando a aproximação da própria população. Deste modo, o desenvolvimento do objeto conceitual no TGI 1 no semestre passado demonstrou umas das diretrizes projetuais.



**Fig. 26-** *O objeto conceitual*

Conforme a figura, o objeto buscou na articulação entre os galpões da antiga cerâmica de modo que eles configurassem os acessos entre a cidade e o parque. Com tanto, os galpões seriam de uso público sob a responsabilidade do município, pois a existência da faculdade particular com o gradil e o CIRETRAN com a utilização do bolsão de estacionamento dificulta a permeabilidade. Quanto ao terminal de ônibus, a requalificação do galpão é válido, pois permite a conexão do centro com o restante da cidade, favorecendo o acesso de todos.

<sup>13</sup> MACEDO & SAKATA; 2002, pg.14

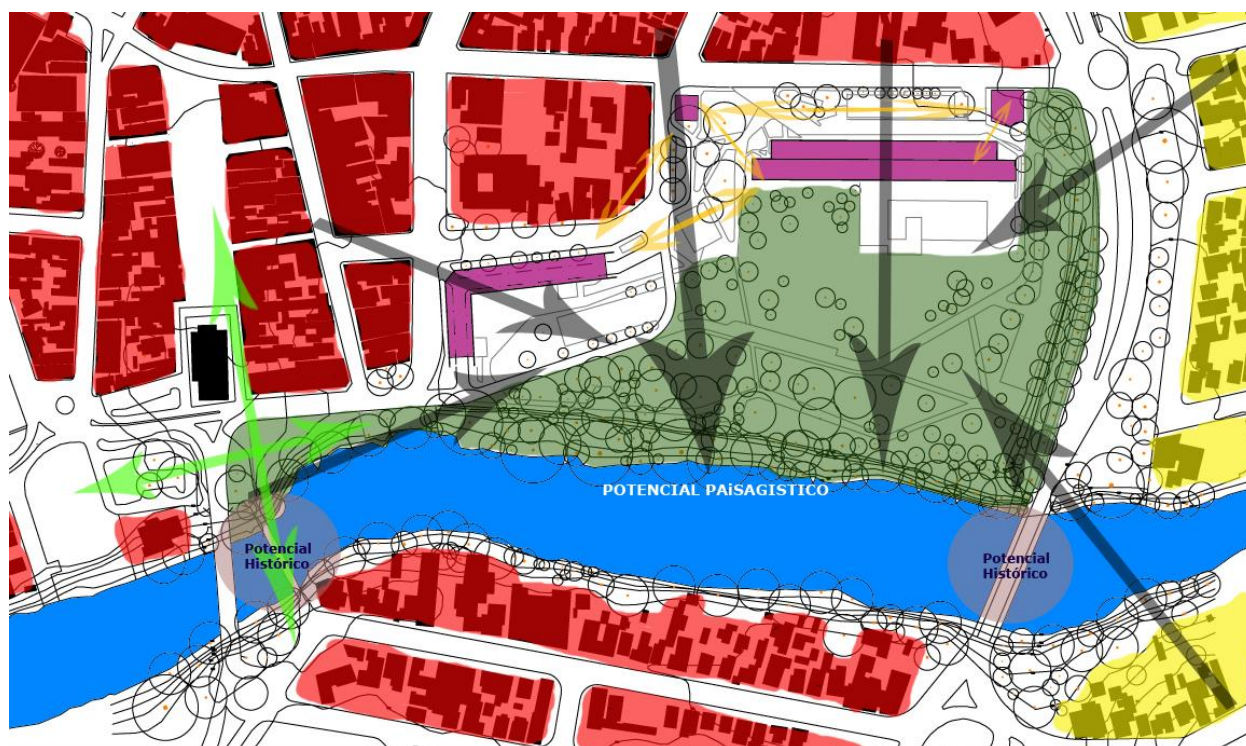
Outra diretriz importantíssimo é a questão da valorização da paisagem local. O parque dos Ingás tem um potencial paisagístico riquíssimo, graças a sua localização às margens do rio Mogi Guaçu. Além de que na margem apresenta uma grande concentração de árvores proporcionando um ótimo lugar para a criação de estares. Também o local é carente de áreas de contemplações com a paisagem natural e construído, neste caso, com o rio e as suas árvores nas margens e as duas pontes metálicas, principais cartões postais da cidade.

Portanto, a valorização da relação da cidade com o rio é emblemática nessa área, visto que, a ocupação das margens do rio ao longo da malha urbana se faz através de fundo de lote. Através do uso de elementos que propiciam a aproximação física e visual da população com o curso d'água podem estabelecer novos diálogos e apropriações da paisagem.

Outra diretriz relevante é a utilização de atrativos para os espaços livres além da paisagem, com a elaboração de espaços que convergem as atividades de recreação tanto para as crianças quanto para os adultos. Desta forma, mantem a diversidade de usos para o parque.

Mais duas diretrizes auxiliaram para o desenvolvimento do projeto:

- os acessos e os percursos serão universais, ou seja, todos os cidadãos terão o direito de usufruir o parque
- a materialidade usada se caracteriza por uso de elementos permeáveis que facilitam a drenagem como a utilização de madeira reflorestada e certificada e de "gabião".



**Fig. 27-** Diretriz projetual de acessos

Com essas diretrizes a produção de uma diagrama de intervenção favoreceu o desenvolvimento do projeto. Segundo a figura os principais acessos ficaram por conta das setas mais significativas, na cor cinza, atendendo as características em relação ao entorno, considerando o uso, o cheios e vazios e os fluxos e, principalmente, os potenciais paisagísticos e os potenciais históricos. As setas laranjas representa as articulações entre os edifícios existentes, criando um conjunto de edifícios culturais e públicos. A setas verdes claras representa a ligação com outros dois espaços públicos, Praça Marechal Deodoro e a Praça Rui Barbosa, de extrema importância para o centro e conseqüentemente para a cidade, criando assim, um sistema de espaços públicos para a população.

Por fim, a associação do parque com a cidade elevando os seus patrimônios naturais e históricos reflete com o reconhecimento daquele espaço como um patrimônio. Assim, a reutilização dos edifícios existente como um suporte cultural que atende toda a população e que esses edifícios remetem o seu funcionamento tanto para a cidade quanto para o parque, favorece para a dinâmica daquele lugar como um espaço publico. Deste modo o projeto foi elaborado.

# O PROJETO

A seguir será apresentado o projeto proposto como resposta das inquietações sobre o Parque dos Ingás. De acordo com as diretrizes, a intervenção limitou-se na área da antiga cerâmica Mogi Guaçu em princípio, mas, após as leituras, foi acrescentado o trecho com a Ponte Metálica de Pedestre existente, removendo os lotes particulares encontrado junto a margem direita no lado da ponte.

Continuando neste contexto de remoções, alguns edifícios existentes também foram retirados para ampliar os acessos ao parque. Entre os edifícios, o primeiro deles:

- Restaurante e Choperia dos Ingás, por causa da sua localização, entre o Terminal de Ônibus e o galpão da faculdade, dificultando a permeabilidade visual e de circulação ao parque. Além de que muitas das suas fachadas eram cegas e davam as costas para a rua.

- SAMAE, apesar de que o edifício era a antiga sede administrativa da extinta cerâmica Mogi Guaçu, não se integrava com o parque pelo fato de estar localizado junto a rua a frente ao galpão da faculdade. Também entre ele e o edifício da faculdade há um estacionamento dificultando o acesso público ao parque.

- Associação Eclética de Aposentados e Pensionistas de Mogi Guaçu, localizado ao lado da SAMAE apresentou as mesmas problemáticas que o caso anterior.

Entretanto, outros edifícios foram mantidos pela importância de seus usos ou pela sua memória ou pela sua característica arquitetônica. Tais como:

- O Terminal de Ônibus, apesar de várias entradas bloqueadas pelos anexos de comércio e apoio, o serviço de transporte público converge a locomoção dos moradores até o centro da cidade e respectivamente para o parque.

- A antiga Cadeia Pública, que junto com a Ponte Metálica e a Igreja da Matriz são construções mais antigas da cidade.

- o edifício da faculdade da Maria Imaculada, por causa das suas dimensões, sua cobertura e a sua geometria linear que constitui-se através da sua implantação como um elemento de delimitação propício ao desenvolvimento de formas de transposições entre a malha urbana e a área verde do parque.

- o edifício do CIRETRAN, a manutenção do edifício é pelo fato histórico, pois antes ele abrigava a antiga portaria da cerâmica. Também a sua localização é quase simétrica com o eixo central do edifício da faculdade em relação à antiga Cadeia.

As ruas e os bolsões de estacionamentos presentes na área serão removidos, pois eles seccionam o parque. As vias não apresentam um grande fluxo de automóveis e os estacionamentos perdem o sentido de uso caso elas sejam eliminadas. Ainda sim, pretendo que o transporte público prevaleça sobre o transporte particular sendo que a área de intervenção é servida pelo único Terminal de Ônibus da cidade.

## O Produto

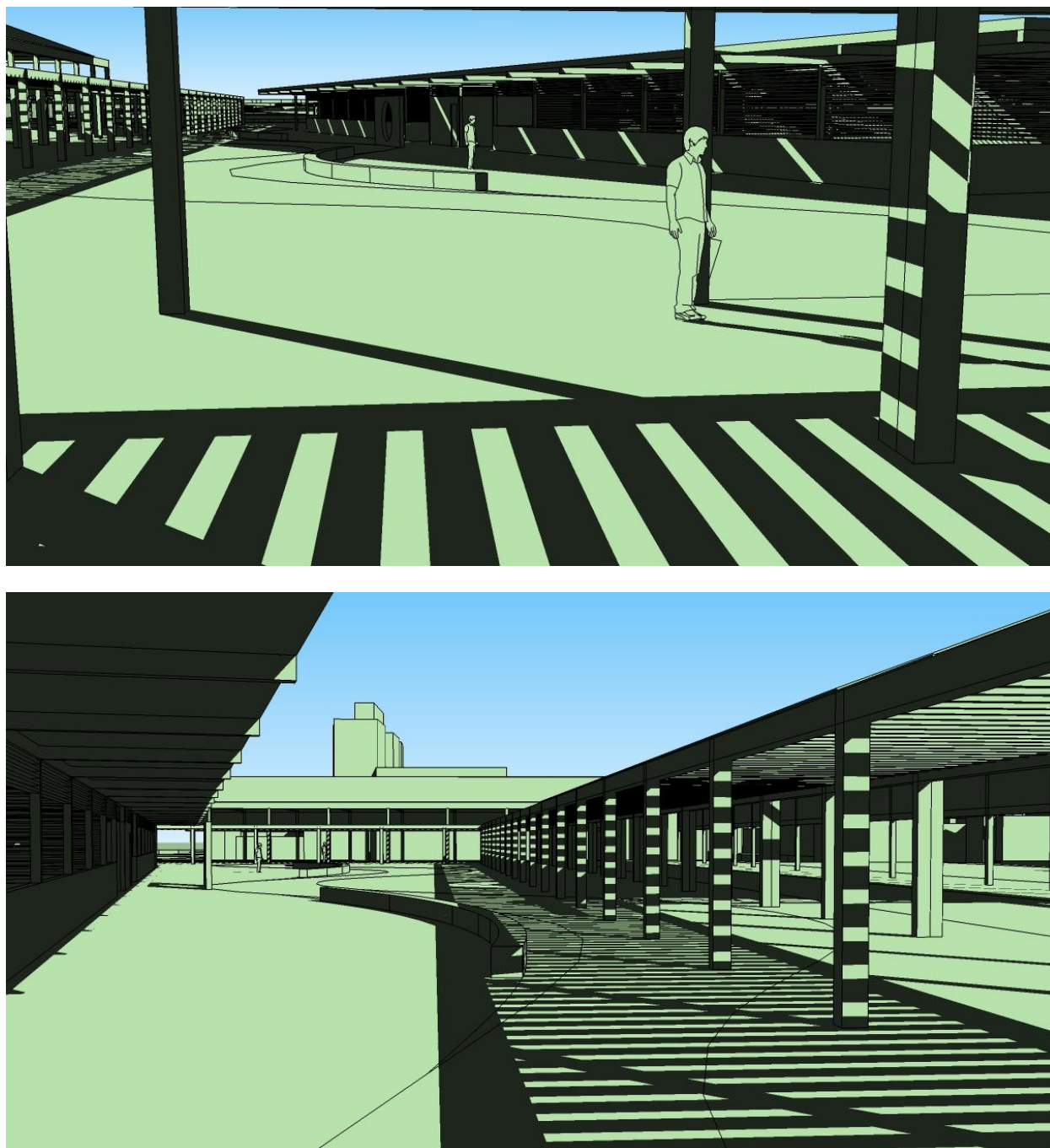
O projeto de Intervenção do Parque dos Ingás em Mogi Guaçu se caracterizou como a requalificação de usos dos edifícios existentes e o desenvolvimentos dos acessos e percursos na áreas verdes do parque com o intuito de potencializar a aproximação da população com a paisagem local já existente - o rio, configurando assim, a área como espaço publico.

Para facilitar o entendimento do projeto iniciarei pelo entorno, falando dos edifícios já existentes. Como foi evidenciado anteriormente o Terminal de Ônibus será mantido, mas, devido a remoção dos blocos dos serviços existentes, foi necessário o desenvolvimento de um novo edifício funcionando como um suporte. Esse edifício possui uma implantação linear e constituído por dois “ranks” de lojas que possui como diretriz de uso, artesanatos ou produtos locais, além de que a sua estrutura é de madeira. Também encontramos um apoio de sanitários entre os dois conjuntos de “lojas” para atender tanto os usuários local quanto os motorista. O conjunto de lojas junto com o sanitários constituiu-se num Mercado Popular. A sua localização configurou-se junto com o terminal um pátio triangular com a característica de enclave de acordo com CULLEN:

“ O enclave, ou espaço interior aberto para o exterior e, que permite acesso livre e direto entre ambos, apresenta-se (...) como um recinto ou compartilhamento que pode ser alcançado com facilidade, embora se encontre desviado do movimento principal. Local tranquilo, onde os passos ressoam e a luminosidade é atenuada, onde se fica apartado do burburinho da rua e se desfruta, simultaneamente o exterior, de um ponto de observação bem situado e seguro.”<sup>14</sup>

---

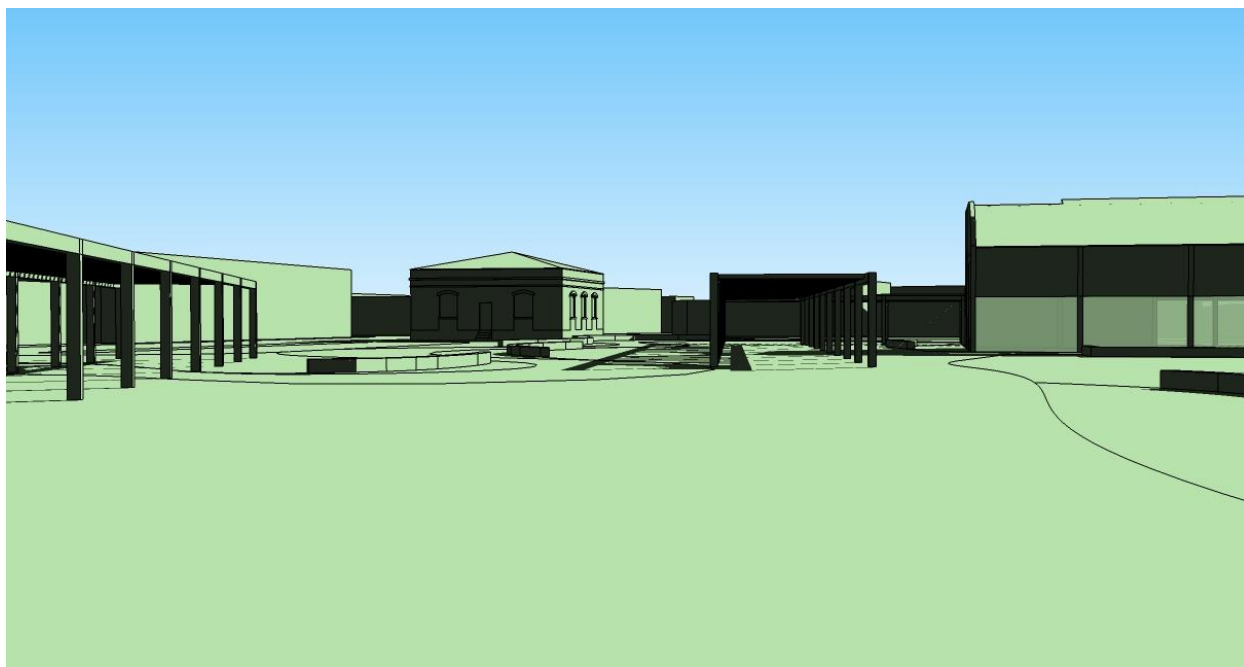
<sup>14</sup> CULLEN; 1970, pg.27



**Figs. 28-** *Perspectivas da area do Terminal de Onibus*

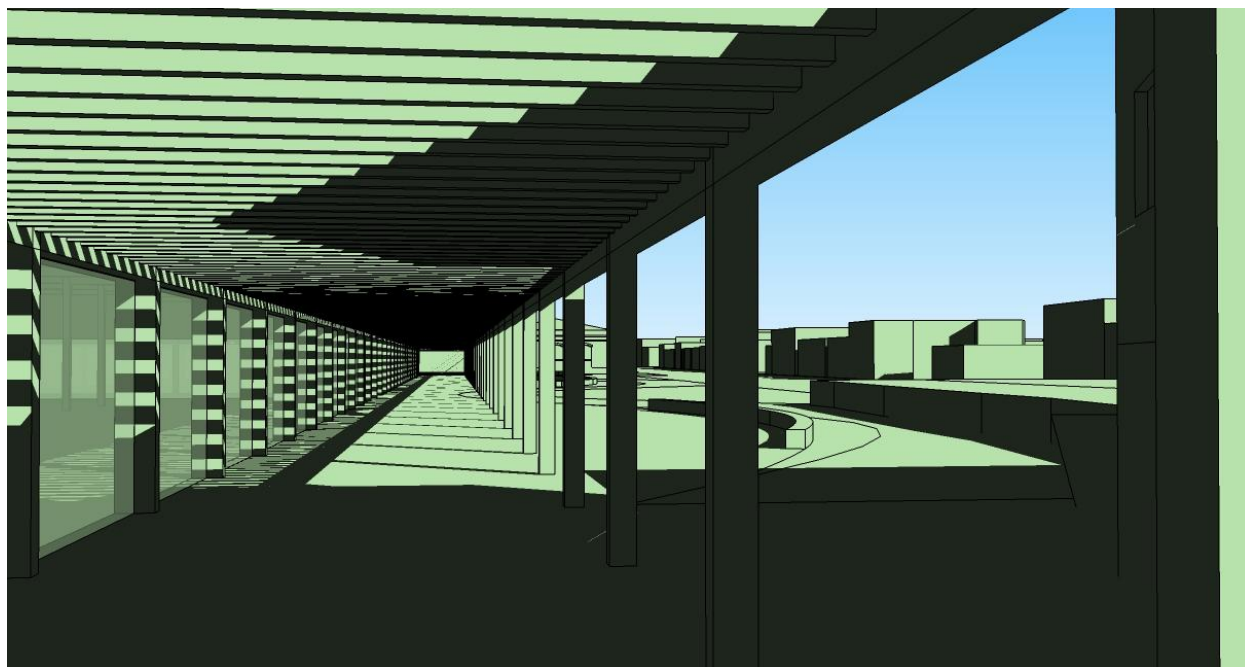
A antiga Cadeia Pública ganhou novas diretrizes de ocupação. Proponho um novo uso caracterizado pela Administração do parque e que funcione como um Posto de Informações turística da cidade. Já o edifício do CIRETRAN, proponho um Memorial da Cerâmica, visando o resgate da memória da antiga cerâmica Mogi Guaçu e também a importância histórica das cerâmicas para a cidade.



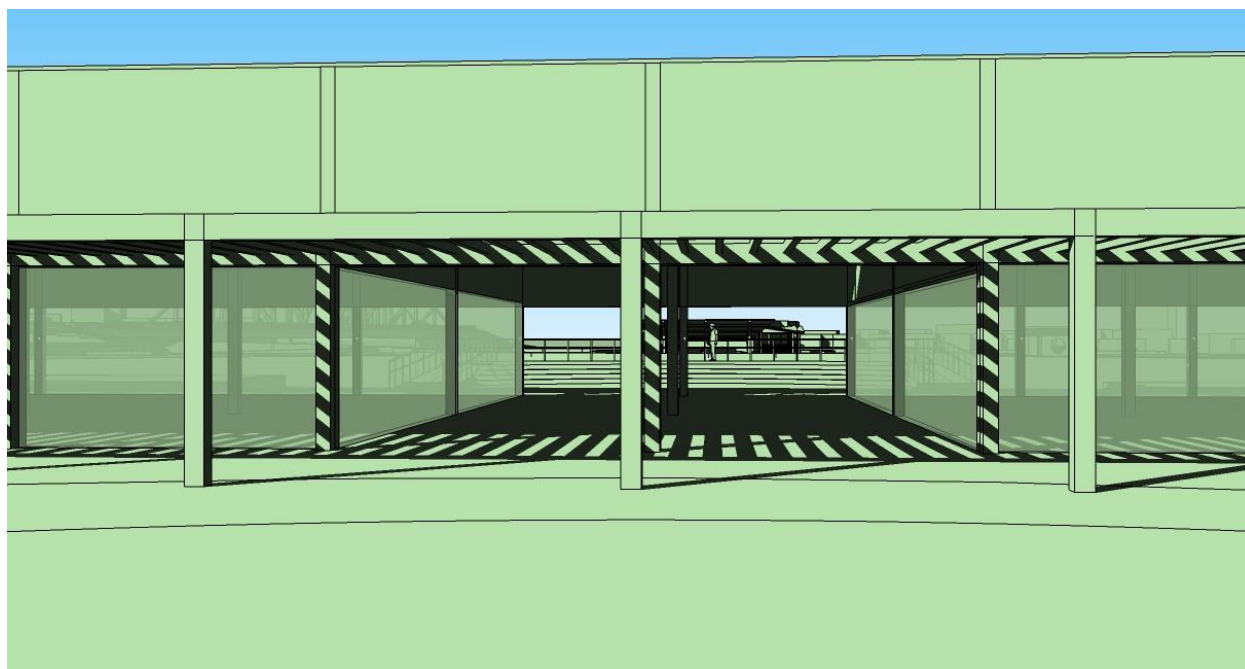


**Fig. 29-** *Perspectiva do acesso principal*

O edifício da faculdade Maria Imaculada tratei de maneira que recebesse um novo uso publico. A partir das leituras,percebi que a cidade é carente no âmbito da cultura, porem vejo que as atividades musicais ganharam forças, tanto pela presença de shows na cidade quanto a existência de grupo de corais e tradição de bandas marciais e da Corporação Musical “Mario Vedovello”. Deste modo, proponho uma Escola de Musica como suporte a essas atividades, que junto com o Museu Hermínio Bueno e o Centro Cultural configura a Avenida dos Trabalhadores o principal eixo de atividades culturais da cidade. Alem disso, proponho como intervenção a abertura central perpendicular em relação ao sentido longitudinal do edifício configurando assim um importante eixo de circulação e visual entre a cidade e o parque. Essa abertura focaliza a atenção do observador para os elementos dispostos no principal eixo visual proposto pelo projeto. Arrematando esse eixo na proximidade do edificio propus um mirante com um piso elevado que serve também como suporte para realizações de eventos e apresentações ao ar livre relacionado com o programa da ESCOLA. Também as fachadas com as faces para a rua e para o parque passaram a serem de vidros, garantindo a permeabilidade entre o exterior e o interior do edifício. Ao redor da face do edifício voltado para o parque , foram implantados junto ao corredor de circulação uma serie de pequenos estares que funcionam como o prolongamento das atividades da ESCOLA e elemento de transição entre o edifício e o parque.



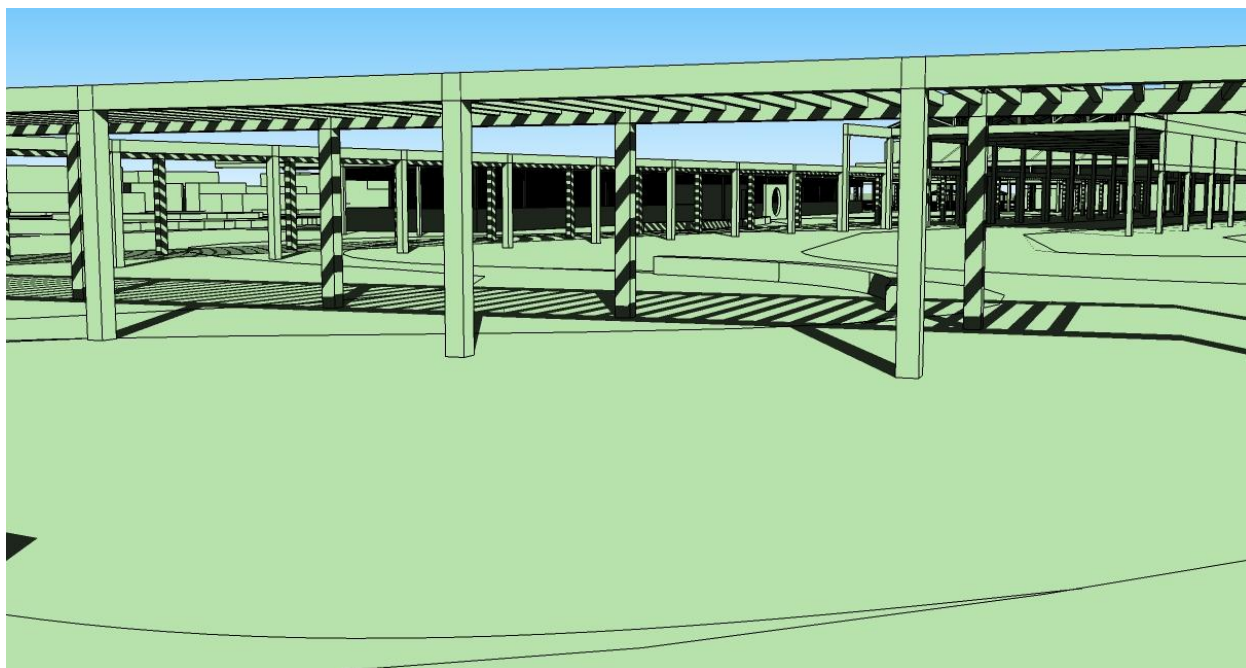
**Fig. 30-** *Perspectiva da pergula junto a Escola de Musica*



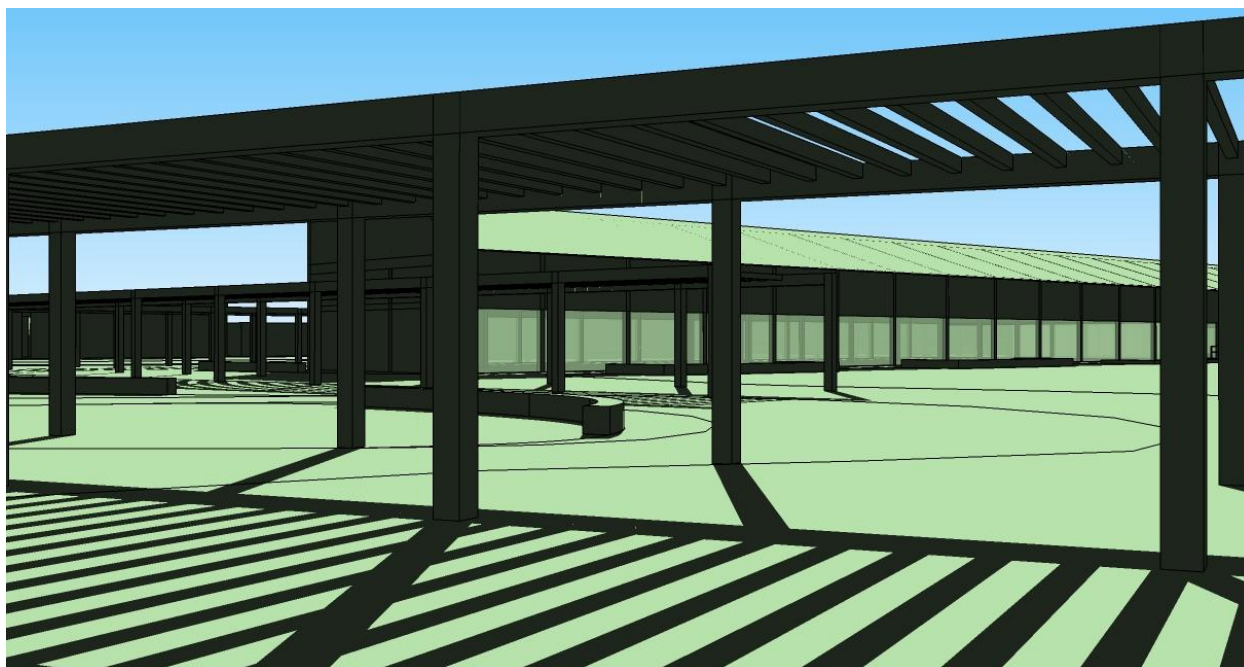
**Fig. 31-** *A entrada da Escola*

É importante ressaltar que as propostas para os edifícios existentes se da como diretriz já que o objeto de trabalho é o projeto de intervenção no parque.

Os percursos foram definidos de acordo com a diretriz dos eixos de acesso. Assim, optei como o principal acesso, o espaço livre existente entre o Terminal e a ESCOLA na direção do eixo que interliga o edifício da ADMINISTRAÇÃO ao interior do parque. O uso da perola é essencial para estruturar a articulação entre os edifícios e o acesso principal. A implantação de duas pérgulas a partir desse acesso configurou um “portal” para o parque. Outra descisão foi manter as arvores existente nesse acesso aproveitando as suas sombras para propor espaços de recintos equipados com bancos em pontos estrategicos.



**Fig. 32-** *A pergola no sentido do Terminal*



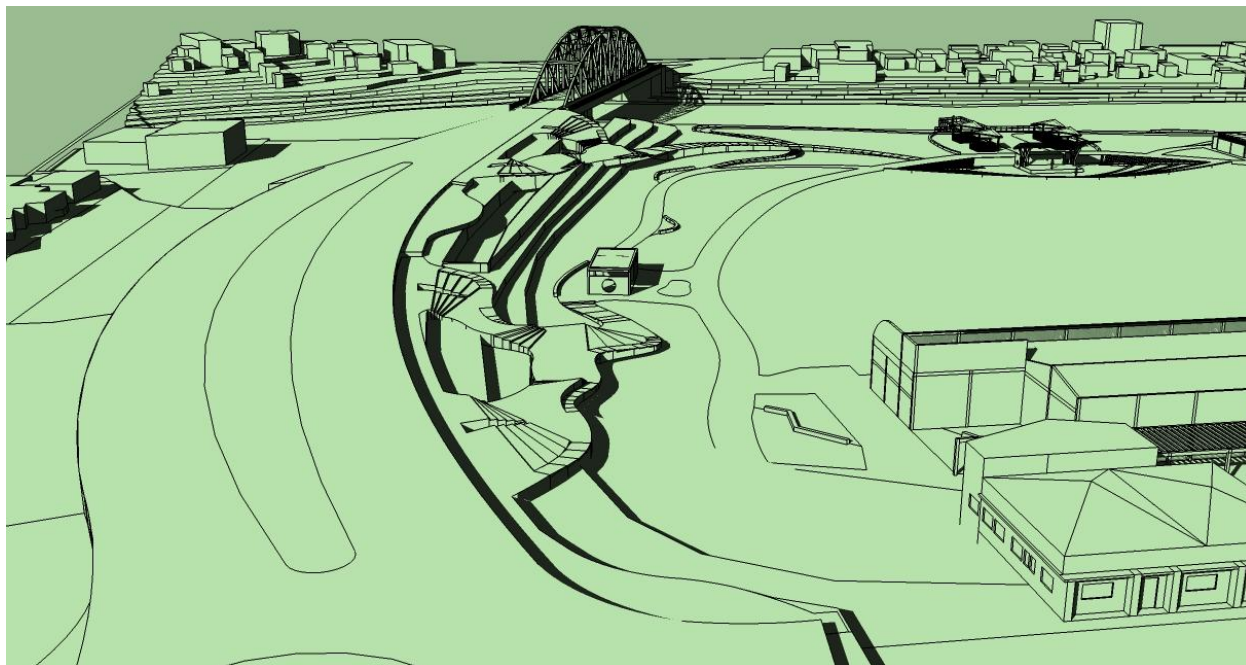
**Fig. 33-** *As pérgulas no principal acesso*

A pérgula que tangencia a fachada do Terminal voltado para o MERCADO POPULAR é um espaço semicoberto que amplia a área de espera de ônibus. Já a pérgula paralela a face da ESCOLA DE MUSICA voltada para a rua Paula Bueno, além de servir como um anteparo para transição entre o interior e o exterior, também protege a fachada norte do edifício da incidência da irradiação solar.

Na esquina ao lado do MEMORIAL, há outro acesso para pedestres e ciclistas interligado com o BICICLETARIOS, que prevê a conexão com o sistema de ciclovias na cidade planejado pela Prefeitura.<sup>15</sup> Além disso esse caminho comporta o acesso de veículos ao interior do parque, caso seja necessário.

Outros dois acessos projetados situam-se junto a avenida dos Trabalhadores, um mais próximo da Ponte Metálica e o outro, do cruzamento da avenida com a rua Paula Bueno. Devido ao desnível existente, o mecanismo utilizado para a elaboração dos acessos foi o uso de escadas integradas com rampas. A implantação de patamares generosos nesses acessos sobre o córrego destamponado propicia a relação visual entre o pedestre e o curso d'água. A utilização de decks com estruturas de madeiras para essas escadas favorece a drenagem das águas pluviais

<sup>15</sup> Plano diretor da prefeitura tem a diretriz de implantação de ciclovias nas avenidas da cidades

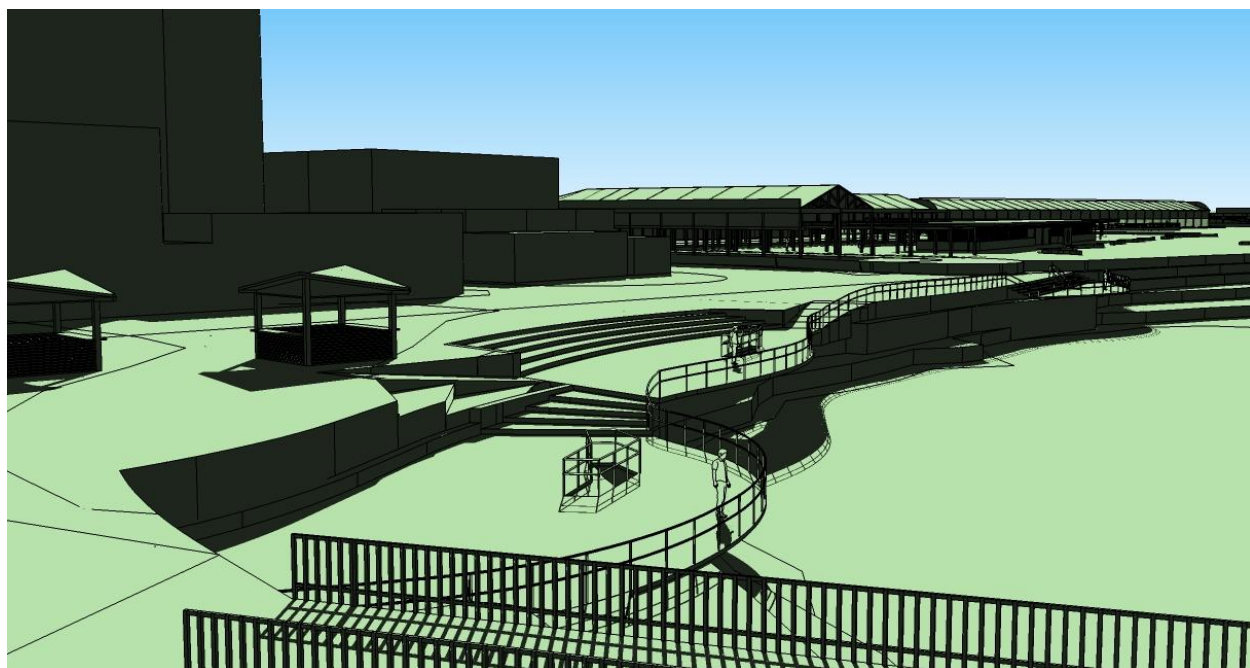
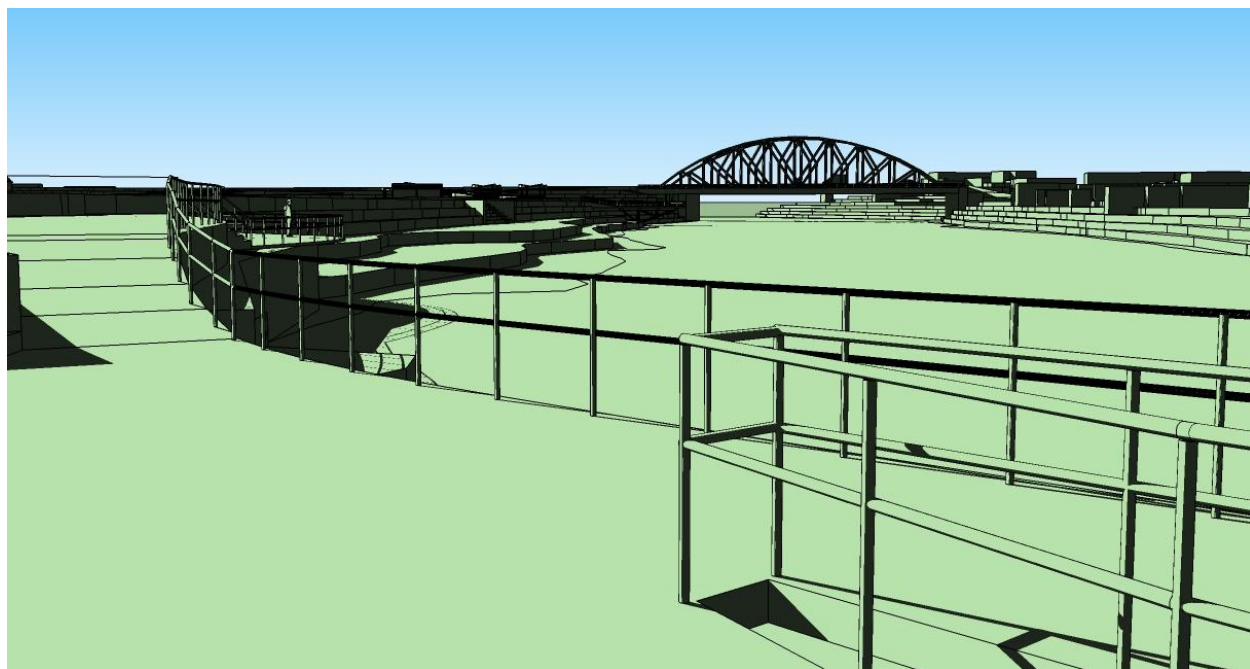


**Fig. 34-** *A area da avenida dos Trabalhadores*

A plataforma proposta na margem junto a Ponte de Pedestres existente acomoda e distribui os diferentes fluxos de pessoas provenientes da margem esquerda do rio, da rua Tristao Franco dos Santos e da Praça Rui Barbosa, conectando esses importantes elementos do entorno com o parque. O projeto privilegia o potencial paisagístico e elege esse espaço pela “qualidade imediata da vista que proporciona sobre paisagem”.<sup>16</sup> Com a utilização de mirantes com cotas diferentes que permite a aproximação e contemplação do rio e áreas de estar equipadas com dois quiosques que qualificam o lugar.

---

<sup>16</sup> CULLEN; 1970, pg. 26



**Fig. 35-** *Os mirantes na margem do rio*

A implantação de estares concentrou-se na área onde ocorre maior concentração de árvores principalmente no trecho paralelo ao rio, aproveitando o conforto das sombras da massa arbórea. O desenho proposto utilizou um traçado sinuoso que tangencia os percursos principais e se destaca pelo o contraste entre os diferentes materiais, madeira e piso de concreto drenante, delimitados por bancos de madeira.

Na região de concentração de árvores mais próxima do rio foi proposto outro tipo de solução de estar, que consiste no aproveitamento do desnível existente na margem para a implantação de uma arquibancada, permitindo assim, o acesso ao nível da água. Deste modo, reforça o aspecto contemplativo da paisagem.

Para responder a questão do uso recreativo do parque definida como diretriz, criou-se um *playground* lúdico acessível a pessoas de diferentes faixas etárias. Os brinquedos implantados se diferenciam dos modelos convencionais através de suas formas e propõe experiências visuais, sinestésicas, sonoras e motoras. Utilizamos como referências os equipamentos desenvolvidos por dois escritórios: CARVE e Richter Spielgerate GmbH.



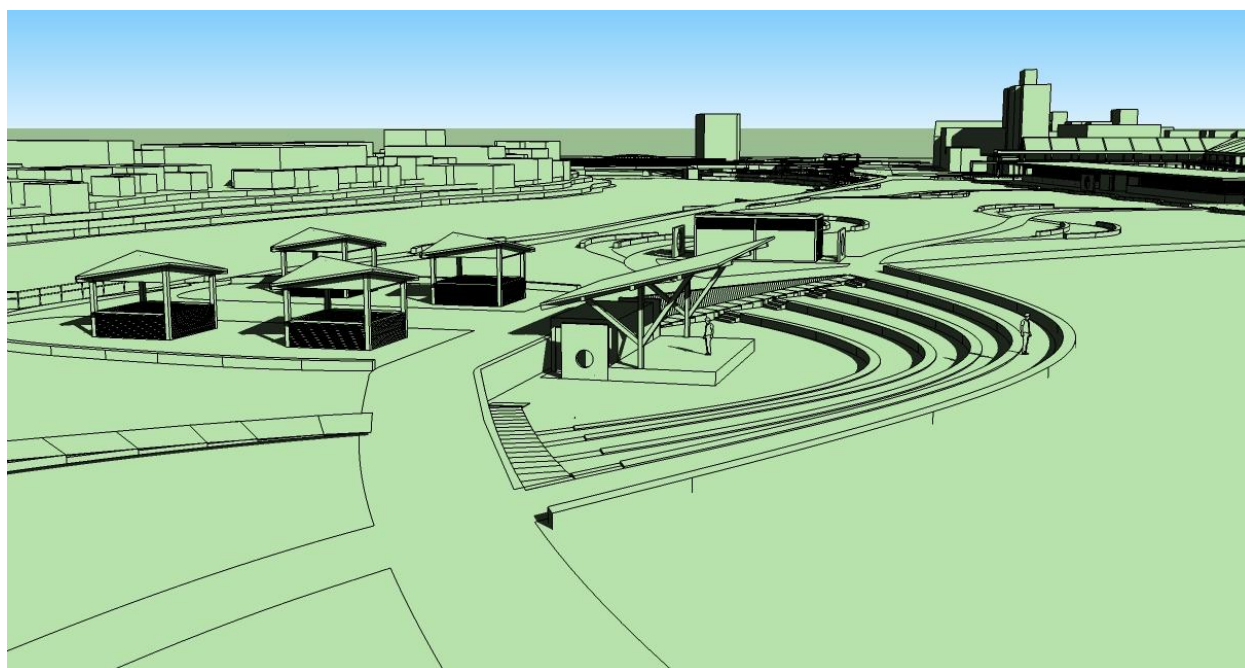
**Fig. 36-** Brinquedos projetados por Richter Spielgerate GmbH



**Fig. 37-** Modelo de brinquedo do escritório CARVE

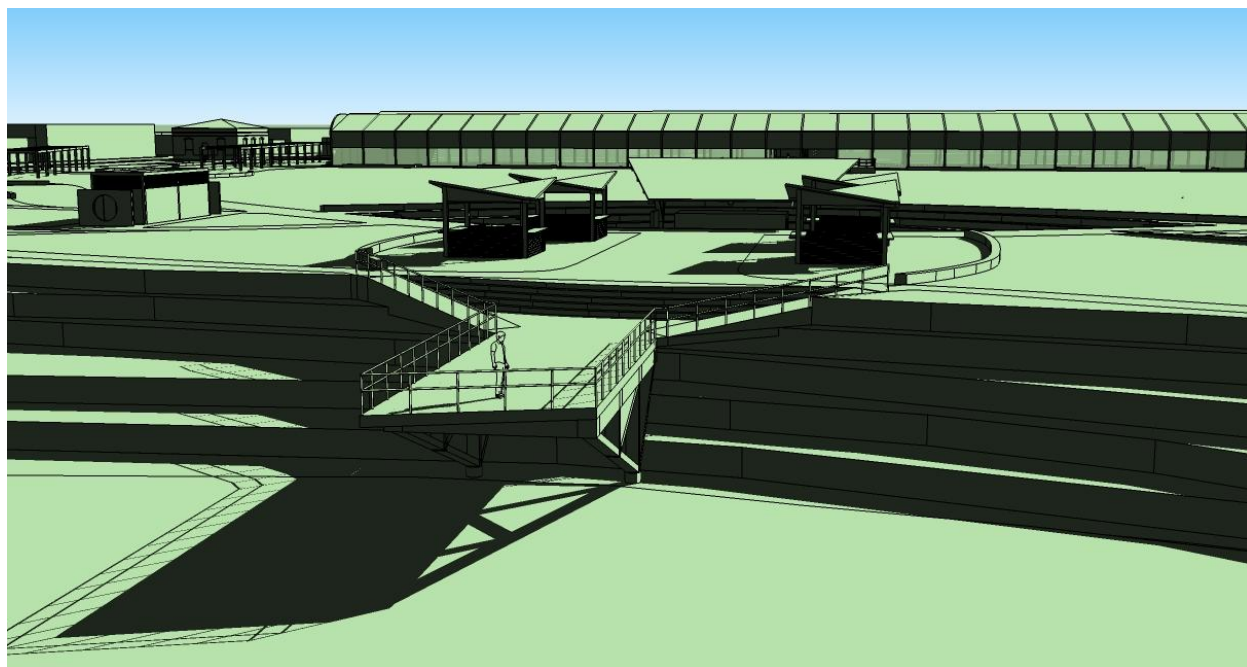
Optou-se pela utilização de formas orgânicas para os desenhos dos percursos e dos planos de pisos, remetendo ao formato dos meandros encontrados no rio Mogi Guaçu (Grande Rio das Cobras).

Os principais percursos convergem no ponto focal definido pelo eixo visual proposto entre o rio e o edifício da ESCOLA. O anfiteatro ao ar livre é semi enterrado com a concha acústica direcionada para a escola enquanto a platéia é para o rio. Assim, o palco é a extensão do programa da ESCOLA, além de que o seu uso serve para a realizações de outros eventos no parque. Outros equipamentos de apoio foram implantados nas proximidades do anfiteatro: os sanitários e quiosques comerciais. O ponto extremo desse eixo principal é arrematado pelo píer que avança sobre o rio, reforçando o caráter contemplativo do projeto.



**Fig. 38-** *Area do Anfiteatro*





**Fig. 39-** *O pier no eixo visual*

VER AS IMAGENS DE CAD NA PASTA ANEXA

Portanto, o projeto pretendeu responder as diretrizes estabelecidas através da investigação inicial e das leituras, qualificando o Parque dos Ingás como um lugar. A paisagem local foi utilizada como elemento estruturador do projeto propondo novas leituras, relações e identificações das pessoas com o parque e os elementos naturais que o compõe.

Alem disso o projeto se insere na categoria de parques contemporâneos caracterizados devido a similiaridade de temas e usos empregados:

- tratamento da orla fluvial
- retomada do caráter contemplativa da paisagem
- a consolidação de usos culturais para a dinamização do espaços
- uso de elementos de recreação

Assim, o novo projeto qualifica a área como um parque, estabelecendo uma nova identidade para esse lugar com o gesto de aproximação com o rio e inserção de elementos culturais.

# REFERÊNCIAS

## Referencias projetuais



- **Park Atop**, Barcelona/ Espanha  
Coll-leclerc Arquitectos



-**Millenaris Park**, Budapeste/Hungria  
Kovacs, Lendvai, Muszber, Pozsar, Tihanyi & Wallner



- **Park La Linera**, Paret del Valles/ Espanha  
Serra -Vives-Cartagena



- **Pres de Lyon Park**, Troyes/ França  
Base Paysagistes



- **Praça Victor Civita**, São Paulo/ Brasil  
Levisky Arquitetos Associados



- **Parque Tanguá**, Curitiba/ Brasil  
MAPP-5

## Referencia Bibliografica

- **ARROYO, Julio**. Bordas e espaço público. Fronteiras internas na cidade contemporânea. *Arquitextos*, São Paulo, 07.081, Vitruvius, fev 2007  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/269>>.
- **ARTIGIANI, Ricardo**. Mogi Guaçu - Tres seculos de hstória. São Paulo, Editora Pannartz 1994
- **CULLEN, Gordon**. Paisagem urbana. São Paulo, Editora Martins Fontes 1983
- **GERALDES, Eduardo A. Simoes**. Condições para a constituição de um patrimonio ambiental urbano. Proposta de focos qualitativos no centro de São Paulo. São Paulo, Tese de Doutorado. EDUSP 2006
- **LEGASPE, Augusto C. Bueno**. Moji Guaçu breve relato histórico. Mogi Guaçu, 1993
- **MACEDO , Silvio S.** Quadro do Paisagismo de Brasil. São Paulo,Edusp 1999
- **MACEDO , Silvio S.; SAKATA, Francine M. G.** Parques urbanos no Brasil. São Paulo, Edusp 2003
- **MINAMI, Issao; GUIMARÃES JÚNIOR, João Lopes**. A questão da ética e da estética no meio ambiente urbano ou porque todos devemos ser belezuras. *Arquitextos*, São Paulo, 02.015, Vitruvius, ago 2001  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/862>>.
- **ROCA, Zoran; OLIVEIRA, José Antonio**. A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento. Lisboa, CEGED 2005